

ALGUMAS ETIMOLOGIAS

R. F. Mansur Guérios
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Após a publicação do DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, outros breves estudos etimológicos foram elaborados pelo mesmo autor, que selecionou alguns para incluir nesta revista.

Após ter sido publicado, em 1979, de nossa autoria, o DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA (Biblioteca Universitária sob a direção do Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, USP — Cia. Editora Nacional e Editora da UFPR), continuamos no mesmo terreno, resultando daí, entre outras, as etimologias que ora selecionamos e damos à luz, as quais serão aproveitadas em eventual 2.^a edição.

OS ALGARISMOS ROMANOS — Os algarismos romanos, segundo se crê, tiveram esta origem: Representação convencional de um traço, ou risco, vertical I para “um”; dois traços II para “dois”; três III “três”; quatro traços IIII “quatro”. Há, todavia, quem os tenha como representações dos dedos: I “um dedo”; II “dois dedos”; etc., e o “cinco”, que é representado por V, é a figura, simplificada, da mão aberta, com o polegar estendido. Vem a propósito o fato de, em numerosíssimas línguas, a palavra que exprime “mão”, é também “cinco”, ou é baseada em “mão”. Cp. tupi PÓ, “mão” e “cinco”, ou MBÓ, “mão (de gente)”, i.é, “cinco”, e a mostrar os cinco dedos.

E visto haver na numeração dos romanos exemplos de contagem por subtração, como, p. ex., DUODEUIGINTI, i.é, “(menos) dois de vinte”, não foi difícil convencionar IV como “um dedo (menos) da mão”, para “quatro”, como, por outro lado, VI quer dizer “a mão (mais) um dedo”, a fim de significar “seis” (cp. a adição em UNDECIM, “um (mais) dez”, i.é, “onze”; etc. Note-se que o “quatro” teve duas representações.

A forma X “dez” nada mais é que “duas mãos” em sentido contrário, sobrepondo uma à outra, e quer dizer “cinco (mais) cinco”. O “nove” é assim figurado IX, “um dedo e duas mãos”, i.é, “um menos dez”. Fácil é reconhecer “vinte” em XX, “trinta” em XXX, respectivamente como “dez (mais) dez”, “dez (mais) dez (mais) dez”.

O símbolo L, que vale “cinquenta”, é alteração da forma antiga da letra grega chamada KHI; C, “cem”, é deformação da letra grega, antiga, denominada THËTA, influenciada pelo vocábulo latino CENTUM, “cento”; D, “quinhentos”, é o resultado de modificação havida na letra grega de nome NU, que se assemelha ao v, minúsculo, e a que se sobrepôs um traço horizontal. E o M, “mil”, por sua vez resulta da transformação por que passou a letra grega denominada PHI, e, influenciada pela palavra MILLE, “mil”, tomou aquela forma.

Do exposto se conclui que os romanos não usaram das letras do-seu alfabeto, e acrescenta-se que eles mudavam frequentemente seus símbolos numéricos.

OS ALGARISMOS ARÁBICOS — Os números 1, 2, 3, etc., são chamados *algarismos arábicos*, mas na língua árabe são denominados HIÇÁB HINDI, “numeração hindu”, pois foi da Índia que os árabes os trouxeram, sem que se admita, com essa qualificação, terem sido inventados pelos hindus. Não se tem certeza da fonte remota.

O “zero” tem origem hindu, e representa um espaço vazio 0 chamado em sânscrito S(I)UNYA, que quer dizer “vazio”. Os árabes acolheram também o mesmo signo 0, dando-lhe o nome CIFR, que se traduz “vazio”, o mesmo sentido original, embora atualmente seja figurado por um ponto.

Os romanos não conheceram o zero. Os cálculos eram feitos em ÁBACUS (port. ÁBACO), que “designou, a princípio, uma tábua coberta de pó”, e, mais tarde, quadriculada, e o “zero” aí era representado pela ausência de signo, de modo que, p. ex., para 101, era marcado com CALCULI, “pedrinhas”, ou com outro material, e, por fim, com os seus algarismos, mais ou menos deste modo I I.

Do árabe CIFR fez-se a latinização ZEPHIRUM, documentada pela primeira vez no séc. 12, no matemático italiano Leonardo de Pisa, e daí a forma contracta, no italiano, ZERO (donde o francês ZÉRO).

Talvez do acusativo arábico CIFRA é que se teve o lat. medieval CIFRA, com o mesmo sentido, i.é, “zero”. Do italiano CIFRA, pronunciado [txifra], veio o francês CHIFFRE.

CIFRA, com o sentido de “algarismo” (também no espanhol e no italiano) parece que se deve ao francês CHIFFRE, mas não está claro como se deu esta passagem.

Visto como se recorresse aos numerais para transmitir mensagens secretas, CÍFRA veio a ser também “escrita secreta”. Daí promanam CÍFRAR e o antônimo DECÍFRAR.

O port. ZERO proveio ou do it. ZERO ou do fr. ZÉRO (neste caso não pela pronúncia).

ORTOGRAFIA — vocábulo erudito, é o grego ORTHOGRAPHÍA, composto: “escrita (GRAPHÍA, i.é, GRAPH- e ÍA) correta (ORTHÓS)”: 1) “Sistema de escrita oficial de uma língua”, e 2) “correta representação escrita das palavras, conforme certo sistema”.

Escritores de língua latina vieram a empregar ORTHOGRAPHIA com dois principais significados: O historiador romano Flávio Magno Aurélio Cassiodoro (ca. 490-585) na obra DE ORTHOGRAPHIA, este vocábulo significa tão-só “arte de escrever (em geral)”, e Marcos Vitruvíio Pólio, arquiteto romano (88 a.C. — 26), autor da obra DE ARCHITECTURA o termo possui o sentido de “representação geométrica de uma elevação ou de um edifício com suas dimensões normais reduzidas”. É também “projeção em que as linhas são perpendiculares sobre um plano; projeção ortogonal”.

O Dicionário de Moraes, além da definição gramatical, dá-o como “a arte do desenho; o desenho feito”, e, “perfil”, como termo da Fortificação.

SACRÁRIO — é o “tabernáculo onde, em cibório ou píxide, são guardadas as hóstias consagradas”. Trata-se de vocábulo culto, do lat. SACRARIUM, que, no paganismo, era “lugar onde se conservavam as SACRA”, i.é, as coisas sagradas do culto: estátuas dos deuses, vasos, alfaias, utensílios para os sacrifícios (Virgílio, Ulpiano). Significava ainda “templo, santuário” (Marcial), “capela, oratório”, que podia estar no palácio imperial (Cícero), “apartamento do imperador” (Ausônio), “cerimônia religiosa, culto” (Propércio, Prudêncio) e “lugar secreto e oculto” (Sêneca). Designou também SACRARIUM o templo de Jerusalém, e entre escritores cristãos apareceram tais expressões: REGENERATIONIS SACRARIUM, “sacrário da regeneração”, i.é, a fonte do batistério, e também igreja; SACRARIUM VIRGINITATIS, “sacrário da virgindade”, i.é, a continência. No plural SACRARIA: “religião; ritos” e “sacristia (guarda de objetos do culto)”.

CORAÇÃO — O port. CORAÇÃO e o espanhol CORAZÓN têm por fonte próxima o lat. CORATIONE [M], acus. de *CORATIO, *CORATIONIS, por sua vez baseado em CORATUM, sinônimo de COR, “coração”, provavelmente analógico de FICATUM, “figado”.

CORATUM acha-se atestado em uma TABELLA DEUOTIONIS, encontrada em Bolonha, e datada do 4.º ou 5.º séc. d.C.: “Molo Porcelo molomedico interficite, eum occidite, e ni (ca) te; profucate Porcellu et Malisilla usore ipsius anima, coratu, epar”, i.é, “Matai o veterinário Mulo Porcelo, matai-o, sufocai-o, destruí a Porcelo e a sua mulher Malisila a alma, o coração e o fígado” (Apud S. da Silva Neto, HIST. DA L. PORT., p. 265, nota).

O lat. vulgar *CORATIO, que substituiu COR, CORDIS ou COR, CORIS, deve ter sido criado para exprimir não só “viscera”, mas principalmente “sentimentos”, fato justificado pelo sufixo -(A)TIO, de substantivos abstratos (AGGRAUATIO, ROGATIO, UOCATIO, CONCORDATIO, etc.) e mesmo por outros substantivos como PASSIO, PASSIONIS.

Menos verossímil é a analogia de *CORATIO, admitida por Silva Neto, com exíguos nomes de outras partes do corpo, p. ex., RENIO, RENIONIS, “rins”.

No port. arc. CORAÇÃO (grafado CORAÇON, CORAÇAN) tinha o sentido de “intenção, amor, coragem, valentia, entendimento”.

O lat. COR entrou no port. apenas na linguagem literária, especialmente na dos trovadores, com o significado de “coração, vontade, desejo, consciência, conhecimento de si mesmo, memória”.

“A anatomia grega, dizem Bloch — Wartburg, punha no coração também a sede das potências afetivas e da sensibilidade e mesmo da coragem e da inteligência. Isso explica a expressão francesa PAR COEUR”, o port. DE COR (SABER), donde DECORAR (cp. ingl. BY HEART).

CORAGEM — De CORATUM, “coração”, formou-se no lat. vlg. da Gália o adjetivo *CORATICUS, que logo passou a substantivo neutro *CORATICUM, chegando ao fr. atual COURAGE mediante a evolução seguinte: *CORADIGU>*CORADYU>CORAGE, pronunciado [koradje]. Esta forma do fr. ant. CORAGE passou ao port., e logo a CORAGEM, por influência de nomes como IMAGEM, FOLHAGEM, etc. (cp. GARAGE>GARAGEM), e documentado no séc. 14, segundo A.G. da Cunha.

DACTILO e TAMARA — O nome científico da tâmara é DÁCTILO (ou DATILO), do gr. (DÁKTYLOS ou DÁKTULOS), e a planta que a produz, é DACTILEIRA (ou DATILEIRA), “tamareira”.

Como a tâmara tem a forma de um dedo, assim foi denominada DÁKTYLOS, “dedo”. Passou ao lat. DACTYLUS, que se transformou no it. DATTERO, DATTARO, DATTOLO,

no esp. DÁTIL, no ingl. DATE, no al. DATTEL, no hol. DADEL, no pol. DAKTYL.

Esse vocábulo não foi introduzido no port., o qual, por sua vez, acolheu o sinônimo ár. TAMRA, que, consoante J.P. Machado, exprime uma unidade (“uma tâmara”). TÂMARA é cognato do nome próprio hebraico TAMAR, “palmeira”.

Contudo, há lingüistas (O. Keller, H. Lewy, J.B. Hofmann) que qualificam o étimo acima como etimologia popular. O gr. DÁKTULOS é, sim, arbitrariamente relacionado com “dedo”, baseado em línguas semíticas: ár. DÁQEL, hebr. DEQEL, arameu DIQLA, todos com o sentido de “tâmara”. A forma helênica que teria vindo de uma língua semítica, era mais ou menos assim: DÁKULOS ou DÁKALOS ou DÁKLOS, que foi ligado discricionariamente a DÁKTULOS, “dedo”.

BÍBLIA — o termo BÍBLIA é forma erudita do lat. eclesiástico BIBLIA, por sua vez do gr. eclesiástico (TA) BIBLÍA, “(os) livros (santos)”. Este plural neutro de (TÒ) BIBLÍON queria dizer antes tão-só “coleção de escritos, de livros”, na linguagem profana.

BIBLÍA e BIBLÍON são diminutivos de BÍBLOS, “casca, película (do papiro); escrito; livro”. O infixos -I- é que dá a idéia de diminutivo. Há outras formas de diminutivo: BIBLÍDION, BIBLÁRION. Da última se fez outro diminutivo, que é BIBLARÍDION.

O gr. BÍBLOS é variante de BYBLOS (BÚBLOS), que significa “papiro”, donde o adjetivo BYBLINOS (BÚBLINOS), “de papiro, relativo a papiro”.

BYBLOS tira o nome da antiqüíssima cidade BYBLOS, que, aí pelo séc. 14 a.C., passou a ser a primeira da Fenícia. Como fosse o principal centro de comércio do papiro, aplicaram o nome da cidade ao produto.

BYBLOS (ou BÚBLOS) é deformação de um nome fenício (?) da cidade, correspondente ao assírio GUUBLI. Daí se explica o nome atual DJEBAIL ou GIBAIL, cidade do Líbano.

Foneticamente explica-se a evolução da velar G para DJ,J, mas é estranho que da velar se tenha o grego B. Parece-nos que a única explicação possível é a assimilação regressiva do -B-, medial: *GUBLU > *BUBLU.

O nome da cidade teria sido aplicado ao papiro daí proveniente, mas não fica excluída a hipótese de ter sido usada uma locução grega — PÁPYROS BYBLOU — i.é., “papiro de Biblos”, e daí o abreviamento BYBLOS, e desta forma a criação de BÍBLOS, BIBLÍON, etc.

No port. do séc. 15 há a forma semiculta BRIVIA, e no século seguinte BRIBIA (BRIBYA), segundo J.P. Machado.

AGNOSTICISMO — O naturalista inglês Thomas Henry Huxley (1825-1895) foi quem criou o termo **AGNOSTICISM**, em 1869, para a doutrina de que o homem não pode conhecer nada além da matéria.

Há quem afirme que Huxley, ao cunhar o termo, teve em vista a expressão **AGNÓSTO THEO**, “ao Deus desconhecido”, proferida pelo apóstolo S. Paulo no Arcópagos de Atenas (Atos, 17:23).

Entre os expoentes ingleses da doutrina salientam-se o Prof. Tyndall e Herbert Spencer, que, na obra **FIRST PRINCIPLES**, vulgarizaram o agnosticismo e o termo.

O ingl. **AGNOSTICISM** passou às demais línguas européias, donde o port. **AGNOSTICISMO**, talvez por via do fr. **AGNOSTICISME**.

A base é o gr. **AGNOSTOS**, “desconhecido, ignorado”.

ANTE e **ANTI-**, do indo-europeu ***ANTI**, “em face de, cara a cara”, provém o lat. **ANTE**, “diante, em frente de; antes”, e o gr. **ANTÍ-**, “em lugar de, em comparação de; em frente; contra”. Trata-se, na origem, de um substantivo, “face, rosto” (Thurneysen). A raiz é **AN-**, que, sob a forma **NA-**, acha-se no indo-europeu **NA-S**, “nariz” (lat. **NASUS**, **NARIS**). No semítico é também **AN-**. Cf. ár. **AN-F**, “nariz”. No tupi verifica-se paralelismo: **OBA**, “rosto”, “face”, e daí **OBA-BÓ**, **OBA-KÉ**, “diante de, em frente”. O fato se repete em numerosas línguas.

ANTI-, grego, é prefixo no port. para a idéia de “contrário”: **ANTICATÓLICO**, **ANTIPATRIOTA**, **ANTÔNIMO**, etc. Este é de formação grega; ambos os elementos são helênicos.

CAUIM e **CANGUARA** — Em tupi **KAUIN** (donde o port. **CAUIM**) é o nome dado pelos índios dessa língua à “bebida fermentada feita de milho, de mandioca, de caju, etc.”

Parece, à primeira vista, que é derivado de **KAIÛ** ou, melhor, de **AKAIÛ**, “caju”. Mas se fosse daí formado, ter-se-ia não **KAUIN**, mas **KAIUIN** ou **AKAIUIN**, o que é inexistente.

Na realidade, **KAUIN** é a designação genérica tupi de qualquer bebida fermentada, e, depois, ao contacto com os europeus, passou também a denominar o vinho. Tanto isso é verdade que, em guaraní, sob a forma **KÂGUI** (Montoya), esta é aplicada a qualquer bebida (**ABATI KÂGUI**, literalmente “de milho bebida”).

KAUIN nada mais é que um derivado de **KAÛ**, embora este queira dizer “beber cauim”. E somos inclinado a admitir **-IN** como o conhecido sinal de diminutivo: “bebidinha”. E **KAÛ** primitivamente deveria ter apenas o sentido de “be-

ber”, e vemos na primeira sílaba, KA, pré-historicamente, o sentido de “líquido”, e U, “beber”, “tomar”.

KAGUARA é “bebedor de cauim” (donde o port. CAN-GUARA, “cachaça”), e KAÛ-ARA no tupi amazônico, e KAÛ-RETÊ, “muito bêbado” no mesmo tupi.

No guarani do Paraguai “embriagar-se, estar embriagado” é KA’U.

Quando o naturalista Saint-Hilaire esteve no Espírito Santo, na localidade Nova Almeida, provou ele o cauim, denominado aí CAUABA (entre os velhos capixabas CAOUEBA, CAUEBA). CAUABA é o tupi KAÛ, “beber”, com o sufixo -ABA, porém quer dizer propriamente “vasilha em que os indígenas preparavam o cauim”.

SIM e NÃO — O lat. SIC (com I longo), “assim, neste caso”, é composto de SI, “assim” e de -C, partícula deítica CE, isto é, *KE, “este, aqui”. Ao lado de SIC houve SEIC.

Na linguagem familiar às vezes SIC usava-se com o valor de “sim”, e, sob a forma SI do lat. vlg., deu origem ao port. arc. SI (mais tarde SIM com nasalização por influência do antônimo NON), italiano SÌ, espanhol, francês arc., provençal, catalão SI.

A negação latina NON (donde o port. arc. NON e depois NÃO) explica-se por um composto NOENUM do lat. arc., i.é, NE OINOM, “não um, nada”.

Modalidades de afirmação: **ESTÁ!**, **TÁ!**, **DE ACORDO!**, **É!**, **POIS SIM!**, **POIS NÃO!**, **CERTO!**, etc. Modalidades de negação: **NECA!**, **NERES!**, **NÉRIS!**, **NANJA!**, **POIS SIM!**, **POIS NÃO!**, etc.

DISCÍPULO — é termo culto (lat. DISCIPULUS), difundido pelo Cristianismo. A mais antiga data em documento port. é do séc. 13, sob a forma DICIPOLO, conforme A.G. da Cunha (DIC. ETIM.).

No lat. era “estudante; aprendiz; ajudante; criado de loja, de taverna, etc”. Em Tertuliano (2.º — 3.º séc.) consta como “discípulo (de um filósofo)”, oposto a “cristão, discípulo do céu” (em APOLOGETICUS, 46,18), e, nas Regras de S. Bento (séc. 6.º) como “monge, discípulo de um abade”.

Nos ATOS DOS APÓSTOLOS o lat. DISCIPULUS, no sing. (ou DISCIPULI, no pl.) era freqüente aplicado a qualquer cristão: “Erat autem quidam discipulus Damasci, nomine Ananias...” (9:10; etc.).

Pisani, em análise ao lat. DISCIPULUS, renunciou a ligá-lo com DÍSCERE, “aprender”, e aceitou o resultado do estudo de Stowasser, que o faz derivar de *DISCIPIO, com o sentido de “que resolve caso”, cognato e quase-sinônimo de DIS-

CEPTATOR, “árbitro, juiz”, formado de DIS-, prefixo de negação, e da raiz de CÁPERE, “apanhar, etc. “Nomes em -PULU fizeram de *DISCIPIO a forma DISCIPULUS. E, consciente ou inconscientemente, foi ligado a DÍSCERE, “aprender”.

Autores latino-cristãos criaram o verbo DISCIPULARE, “ser discípulo” e “instruir”, porém não vingou em português, nem nos demais idiomas românicos.

ECOLOGIA — Atribui-se ao biólogo alemão Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919) a criação, em 1866, do termo OEKOLOGIE, i.é, ECOLOGIA, mediante os elementos gregos OIKOS, “casa”, mas no sentido amplo de “hábita”, “ambiente”, LÓGOS, “ciência” e sufixo -ÍA.

Conforme esse naturalista, a Ecologia é um ramo da Fisiologia Botânica, que trata das mútuas relações dos vegetais entre si e com o ambiente, e também dos vegetais com os fatores do crescimento e da distribuição geográfica. Ampliou-se o significado para “estudo das relações entre os organismos vivos e o ambiente em que vivem”.

O termo veio a ser empregado também na Sociologia (Ecologia Humana, Ecologia Social, Ecologia Urbana).

VERÃO e PRIMAVERA — VERÃO tem por ascendente o lat. vlg. UERANU, abreviamento de TEMPUS UERANUM ou UERANUM TEMPUS, “tempo ou estação primaveral”.

O adjetivo UERANU assenta no lat. UER (genit. UERIS), “primavera”.

Mas, na Idade Média, na Península Ibérica VERÃO indicava propriamente o “fim da primavera e começo do verão, e, mais tarde, aí pelo séc. 16, passou a designar o verão. ESTIO, que se aplicava ao “fim do verão”, por sua vez veio a ser sinônimo de VERÃO, “a estação cálida”, e suplantado por este. E PRIMAVERA era tão-só “o começo da primavera”; continua o lat. vlg. PRIMA UERA, que se baseou na locução adverbial do lat. clássico PRIMO UERE, “no princípio da primavera”.

Há documentação de VERÃO com o significado antigo: Em Gil Vicente (v. Glossário das OBRAS COMPLETAS, v. IV, Sá da Costa Editora); em Bernardim Ribeiro: “Entrada era,/ quando começam as aves./ com seus cantares suaves/fazer tudo gracioso...” (no citado Glossário); no RIFONEIRO PORTUGUÊS de Pedro Chaves: “Verão fresco, inverno chuvoso, estio perigoso”; em Jorge Ferreira de Vasconcelos: MEMORIAL DAS PROEZAS, apud A. Nascentes, DIC. ETIM., I, s.v.; no DIC. de Figueiredo, 4.ª ed.: “Ant. O mesmo que PRI-

MAVERA”; no DIC. de Moraes: “Comumente chamam VERÃO o que é ESTIO, e distinguem mal o VERÃO da PRIMAVERA” (s.v. VERÃO). J.P. Machado cita um exemplo de D. Dinis (séc. 13): “Ela tragia na mano Hun papagay mui fremoso, Cantando mui saboroso, Ca entraua o uerão...” (DIC. ETIM., s.v.).

Igual fato se observa na história do espanhol, conforme se vê em Corominas (DIC. CRÍT. ETIM.), o qual faz referência a DOM QUIXOTE, em que são enumeradas as “cinco” estações do ano: PRIMAVERA, VERANO, ESTÍO, OTOÑO, INVIERNO.

O adjetivo do lat. vlg. UERANUS substituiu o clássico UERNUS, “primaveril”, e este é baseado em UER. A passagem da locução PRIMO UERE para o feminino não está bem clara. Há quem explique por influência de STATIO, “estação”, fem. (L. Spitzer), ou porque muitos nomes neutros da 3.ª declinação passaram para o feminino, donde o neutro *PRIMA UER que passou a PRIMA UERA com simetria dos dois componentes.

O lat. UER é aparentado ao gr. ant. WÉAR (mais tarde ÉAR), ao irlandês ant. VAR (derivado de WER), e, inexplicavelmente, ao lituano VASARÀ, ao sânscrito VASANTA, ao eslavo ant. VESNA, “verão” (polonês WIOSNA, “primavera”).

ESTIO — O nome do verão em lat. era AESTAS (primit. “calor”), com cujo sentido, o adj. AESTIUUS, se formou a locução TEMPUS AESTIUUM ou AESTIUUM TEMPUS, “tempo ou estação estiva”, e da abreviação, no lat. vlg. *ESTIU (I longo), proveio o port. ESTIO. Hoje este pertence à linguagem literária, em virtude de ter sido, popularmente, suplantado por VERÃO. De ESTIO promanaram ESTIAR, “cessar de chover; serenar o tempo; abaixar a água da cheia”; ESTIAGEM, “tempo sereno ou seco; cessação de chuva seguida de tempo seco; escassez de água em rios, fontes, etc.”

Em muitas línguas a idéia de “verão” tem base na de “calor” ou mesmo na de “sol”, como entre os tupis KOARACY, “sol”. KOARACYARA, “tempo de sol”; no guarani KOARACYPUKÛ, “sol pleno, amplo”; no caingangue “muito sol ou calor”, “tempo da seca”; no caiapó, “tempo da seca”; na língua cuna, do Panamá, o verão é “tempo claro ou seco”; na língua bilóxi, Estados Unidos, “quente”.

OUTONO — “estação do ano, entre o verão e o inverno”, é continuação do lat. vlg. AUTUMNU (com -U- tônico breve), mediante *OUTONNO (assimilação do -M- ao -N-). O lat. é abreviamento de TEMPUS AUTUMNUM ou AUTUMNUM TEMPUS (lat. clássico), i.é, “tempo ou estação outonal”.

Do gênero neutro passou a masculino por ter sido personificado e divinizado (Ernout e Meillet). Baco é uma das personificações.

AUTUMNUM nada tem de ver com AUGERE, "aumentar", relação arbitrária dos antigos romanos para que o outono "aumente" a riqueza dos homens, graças aos frutos que nesses meses se colhem, e daí se explica a grafia AUCTUMNUS, em alguns documentos, tendo em vista o participio AUCTUM daquele verbo.

É o nome talvez de origem etrusca (E. e M.), como UERTUMNUS, "deus das mudanças da natureza", cujo culto passou dos etruscos para Roma; é considerado deus dos jardins e dos vergéis.

É curiosa a combinação silábica entre AUTUMNUM e UERTUMNUM, e este parece ter o lat. UER, "primavera".

O sentido primitivo de AUTUMNUM deve ter sido provavelmente algo, ou relacionado com algo, que caracteriza a estação. No port. ant. OUTONO significava "colheita de trigo, cevada e centeio" (Viterbo); no beirão e no duriense "cereais que se semeiam no outono".

G.C. Doménech no estudo EL CONCEPTO "OTOÑO" EN CATALAN Y SU POSICIÓN ENTRE LAS LENGUAS ROMANCES (REV. DE FIL. ESP., t. 37, Madri, 1953), o outono tem 1.º) idéia de uma estação tardia, de algo que entra no ocaso; daí os derivados do lat. POSTERATA, TARDORE, TARDIUU, SEROTINU, DERETARIA, ADRETO, BASSUTEMPU, etc.; 2.º) denominações referidas a outra estação do ano, inexplicavelmente; 3.º) denominações que têm por base uma festividade de caráter religioso-econômico.

Em Portugal, segundo Paiva Boléo, OUTONO não é popular. O povo usa muito dos nomes das outras estações: PRIMAVERA, VERÃO, INVERNO, e ESTIO muito raramente. Mais corrente e popular é O FIM DO VERÃO.

No catalão, o outono é TARDOR, "(estação) tardia", PRIMAVERA DE L'HIVERN, TARDAVERA, "tarde VERA (VERÃO?)", etc. Cf. acima.

Em regiões da França: APRÈS-AOUT, "depois de agosto", ENTRÉE DE L'HIVER, "entrada do inverno", DERNIER TEMPS, "último tempo", REGAIN, "erva que nasce após a ceifa", etc.

Na Itália, "primavera do inverno", e derivados do lat SUPRA HIBERNU.

Em certas regiões da Espanha e da Catalunha, o outono é chamado respectivamente SANMIGUELADA, SANTMIQUELADA, por causa da festa de São Miguel (29 de set.), e, sendo tempo de colheitas, é comemorada com feiras e romarias, assim também nas festas de São Remígio (1.º de set.), de Todos os Santos (1.º de nov.), de São Martinho (11 de nov.), etc.

INVERNO — não provém diretamente do lat, HIBERNU (com I longo), abreviado de HIBERNUM TEMPUS ou TEMPUS HIBERNUM, “tempo ou estação invernal”, mas da locução IN HIBERNO (TEMPORE), a qual explica o N na sílaba inicial não só do port., mas de outras línguas românicas: velhoto INVIARNO, friulano INVIARN, sobresselvano UNVIERN, etc. No espanhol, ao lado de INVIERNO houve IVIERNO (ant. e-pop.). O primeiro deve ser aliado ao anterior, e IVIERNO pode ser explicado como continuação direta do lat. HIBERNU, como o francês ant. IVERN (hoje HIVER), o valão IVIER, o romeno IARNA, o engadino IVIERN, o provençal e o catalão IVERN, o aragonês IVIERNO, o galego IVERNO, etc. (v. Meyer-Lübke, REW).

O adjetivo HIBERNU sobrepôs-se ao substantivo HIEMS, “inverno”, graças à freqüência da locução TEMPUS HIBERNUM, que acompanhava TEMPUS AUTUMNUS, etc.

HIBERNUS deriva de *HEIM(E)RINOS, ao qual é aparentado o gr. CHEIMERINÓS, “invernal”, e HIEMS é aparentado ao gr. CHEIMÓN, “inverno”, e estes procedem do proto-indo-europeu *GHIEM, com a idéia de “frio”, e co-radical ainda do gr. CHIÓN, “neve”.

É sabido que as estações do ano dependem da posição geográfica de uma região e do grau de latitude, e que as estações mais caracterizadas são o inverno e o verão. É plausível que no primitivo hábita do povo “indo-europeu” eram estas as estações conhecidas, e, como não distinguiam bem o outono, não se lhe conhece nome propriamente indo-europeu. Depois que emigraram para as terras mediterrânicas apareceram neologismos. O lat. AUTUMNUM é de provável origem etrusca, de um povo antiquíssimo da Itália; o gr. OPÓRA, “outono”, significava “frutas”, e mesmo tão-só “uva”; o alemão HERBST, “outono”, era outrora “colheita, ceifa”.

No norte e nordeste do Brasil INVERNO é o nome da estação das chuvas. No Ceará SECA D'ÁGUA é “inverno longo e chuvoso” (Aulete).

Em muitas línguas a idéia de “inverno” é relacionada com a de “frio”, ou é a mesma palavra com esta idéia, ou quer dizer “tempo de chuva”, conforme a posição geográfica. Tupi e guarani ROY, “frio”; tupi amazônico AMANAARA, “tempo de chuva”; língua cuna (caribe, do Panamá) “tempo de chuva”; língua achumawi (Estados Unidos) o nome se baseia em “frio”, assim também no idioma osage (Estados Unidos).

ENCANTAMENTO e VATICÍNIO — É crença, difundida entre todos os povos, que há cantos misteriosos, acompanhados ou não de certos ritos, por meio dos quais se podem ope-

rar coisas extraordinárias nos seres vivos ou mortos, em espíritos bons ou malignos e até em divindades.

A frequência, entre os romanos, de enfeitiçamentos, maldições e presságios maléficos mediante cantigas é testemunhada pelo não pequeno número de termos relacionados com esse recurso.

O verbo primitivo CÁNERE, "cantar", é um "termo da linguagem augural e mágica, cujas fórmulas são melopéias ritmadas", dizem Ernout e Meillet. Por si só podia significar não somente "prognostizar", mas também "fazer atos ou cerimônias de magia, etc". Os derivados INCANTARE e EX-CANTARE, "evocar ou tirar algo mediante canto", acham-se documentados, p. ex., na Lei das Doze Tábuas (451 a.C.). O primeiro indicava, literalmente, "cantar (CANTARE) sobre (IN)", i.é, "dominar alguém ou algo mediante fórmulas mágicas cantadas". É daí o port. ENCANTAR, "lançar encantamento ou magia sobre; enfeitiçar; seduzir, cativar, maravilhar, arrebatat; deliciar". O segundo verbo, que vale "cantar (CANTARE) para fora (EX)", i.é, "desfazer um encantamento", não vingou no português.

Muitas vezes previa-se o futuro por meio de cantoria (lat. CÁNERE FUTURA), donde o subst. UATICINIUM, i.é, "canto (*CINIUM) do adivinho (UATIS)", e deste o verbo UATICINARI (port. VATICINAR), e os nomes de agente UATICINATOR, "adivinhador pelo canto", UATICINATRIX, "adivinhadora pelo canto". O ato ou o efeito era UATICINATIO, "vaticínio, oráculo".

CANTARE também veio a equivaler "predizer, augurar", e o "encantador" era chamado CANTATOR, e CANTATRIX era "feiticeira, bruxa". E o ato e o efeito de "encantar" era ainda CANTATIO, INCANTATIO (port. ENCANTAÇÃO), INCANTAMENTUM (port. ENCANTAMENTO).

Ainda desse âmbito pertencem outros verbos e substantivos cuja base é a mesma raiz dos vocábulos citados e com a mesma idéia fundamental de "cantar": OCCANTARE, "fazer encantamentos, enfeitiçar", OCCINARE, OCCINERE, "fazer ouvir um canto de mau agouro", PRAECANTARE, "sujeitar a encantamento", PRAECÁNERE, "profetizar", PRAECANTATIO, "encantamento".

Para contrariar, desfazer ou desviar um encantamento, o expediente era também mediante cantigas: RE-CANTARE, RE-CÁNERE. Podia-se usar o mesmo verbo, quer para enfeitiçar por meio de cantos, quer para contrariar o encantamento, e assim igualmente PRAECANTATOR era "o que proferia encantamento" e também "o que o desfazia". Tinha ainda o nome de PRAECENTOR, e a mulher PRAECANTRIX e PRAECENTRIX.

A propósito, convém lembrar a antiqüíssima poesia sacra, o "Carmen Arvale", obra de doze sacerdotes de Ceres, cuja oração tinha eficácia mais pelo ato de cantar que pelo seu significado, mas a tradução é ainda problemática.

"Se os gatás do Avesta, afirma A. Meillet, são mais que ininteligíveis, é que os autores os fizeram deliberadamente de modo que as combinações de palavras não foram naturais... Os hinos védicos e a canção dos irmãos arvais de Roma também são obscuros adrede..." (apud O. Jespersen, *HUMANIDAD, NACIÓN, INDIVIDUO*, Buenos Aires, 1947, p. 236-7).

DIS- — O prefixo lat. DIS- (que, de acordo com a inicial do vocábulo a que se junta, é DI-, DIF-, DIR-) com a idéia de "separação, afastamento, diferenciação" tem sua origem no proto-indo-europeu *DWIS-, DIS-, "em dois", e daí "separado". É cognato de DUOS, "dois" (cf. BIS-, anteriormente *DUÍS, "duas vezes").

Da idéia de "separação" passou-se à de "direção em sentido oposto, em sentido contrário", e, por fim, à idéia de "negação". Cp. DISIÚNGERE, "disjuntir, separar", e DIFFICILIS, i.é, "não fácil" (derivado de DIS FACILIS).

Em port. esse prefixo aparece sob a mesma forma latina, em DISSEMELHANÇA, DISRITMIA, DISSABOR, etc., e, sob a forma dita vernácula DES-, em DESDIZER, DESMENTIR, DESAMOR, etc.

O correspondente grego é DIA-, o mesmo que a partícula DIÁ, "rompido, quebrado, partido para outro lado; separação, distância". DIA- deriva-se de *DISA, com -A, por influência de METÁ, etc. Cp. DIASCHIZÔ, "fender, afastar, separar, dividir, DIAGIGNÓSKÔ, "distinguir, discernir", etc.

ABSTRACT

After the publication of the *DICIONARIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA* (1979) other short etymological studies have been made by the same author who selected some of them for including in this review.